

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	9
JORGE PONCIANO RIBEIRO	
<i>Apresentação</i>	13
SHEILA ANTONY	
1 Da intenção à ação: Gestalt-terapia, ética e prática profissional com crianças e adolescentes	17
MIRIAM MAY PHILIPPI	
2 Epistemologia gestáltica e a prática clínica com crianças.....	47
SERGIO LIZIAS	
3 Um caminho terapêutico na clínica gestáltica com crianças	79
SHEILA ANTONY	
4 A criança que chega até nós	109
ROSANA ZANELLA	
5 O árduo caminho de crescimento para a criança tímida	123
CLAUDIA RANALDI	
6 Abandono, abrigamento e adoção: o que os pais precisam saber sobre as crianças e a realidade dos abrigos	153
MÔNICA XAVIER DE BRITO E SHEILA ANTONY	
7 A família como parceira no atendimento gestáltico infantil	177
MYRIAN BOVE FERNANDES	

PREFÁCIO

JORGE PONCIANO RIBEIRO

A abordagem gestáltica e a Gestalt-terapia surpreendem a cada dia que passa. Surpreender significa pegar de surpresa, conduzir o outro a um processo de admiração diante do novo, do inusitado. Significa ainda olhar o futuro ou para o futuro, e nele pôr o objeto de nossa admiração, algo grande, que responda às necessidades de quem admira a sua permanência, solidez e qualidade.

Um grupo de gestaltistas expôs neste livro uma Gestalt articulada, organizada, indivisível, com uma epistemologia que garante a qualidade desta obra, atendendo às normas que a ciência exige para que o conhecimento se apresente como tal.

A clínica gestáltica com crianças – Caminhos de crescimento tem o mérito de apresentar a Gestalt-terapia numa área ainda pouco explorada por ela, além de primar não só pelos assuntos escolhidos, mas também pela lógica que se estabeleceu entre os diversos conteúdos abordados.

A ciência não se faz apenas por meio da matéria apresentada, mas também pela forma. Juntas, constituem a essência, a totalidade criadora do objeto em estudo. É o todo que qualifica as partes – que, isoladas, ainda que inteligentemente feitas, não constituem um autêntico objeto do conhecimento nem dão forma e beleza àquilo que se pretende apresentar.

Estamos diante de um texto cuja estrutura leva o leitor para dentro do conhecimento, não apenas por meio das partes que o compõem, mas sobretudo pelo conjunto harmônico que estas encerram, dando ao leitor a sensação clara

de que percorreu um caminho, tendo vivido cada pedaço desse caminho.

Os romanos diziam “*Timeo hominem unius libri*” (“Temo um homem de um único livro”) para denotar que *um livro* tem de ser um instrumento de trabalho que transmita informações corretas, úteis e adequadas, de tal modo que seu usuário (não apenas leitor) se torne mais competente e integrado com a matéria de que ele trata. Noutras palavras: um livro tem de ser útil, deve atender às necessidades dos leitores, para não se tornar mera abstração.

Este não é mais um livro sobre crianças. É uma obra sobre a criança que está diante de você, não importa se ela é a sua criança ou outra criança – que também é sua –, porque toda e qualquer criança que está diante de você e olha para você com olhos de “eu estou aqui” passa a ser sua e você é responsável por ela, pela sua totalidade existencial.

Gestalt-terapia com crianças tem pouco que ver com doença – até porque não existem doenças, mas doentes. Gestalt tem que ver com o processo que acontece no espaço vital da criança, no seu campo, aqui e agora.

Uma criança não deveria jamais adoecer. Como se tornará um adulto saudável – e é para esse lugar que todos tendemos a ir – se seus pezinhos estão machucados e não conseguem fazer o caminho; se seu coração está ferido e não bate de acordo; se sua cabecinha está em ritmo diferente do meio onde vive?

A psicoterapia infantil, mais do que qualquer outra forma de psicoterapia, é algo sagrado, por tratar de “corrigir”, de dar nova forma, de trabalhar o ajustamento criativo de um ser em formação. Ela não admite erros, pois as falhas da vida adulta são contingências, mas os erros na psicoterapia infantil são fatalidades difíceis de consertar cujos efeitos podem ser desastrosos.

Esta obra pensou em tudo isso. É escrita com inteligência, sensibilidade, consciência e amplitude. Retrata, além da teoria exposta, o jeito gestáltico de ser de pessoas competentes, de longa experiência, que têm feito do trabalho com crianças sua caminhada existencial.

A criança, mais que o adulto, vive a tríplice dimensão humana da *animalidade*, da *racionalidade* e da *ambientalidade* de maneira concreta, sem subterfúgio. Isso facilita que o terapeuta esteja com ela de maneira inteira e consagrada, e permite à criança – ao mesmo tempo que enfrenta um “problema” – ter a melhor solução no seu jeito próprio de funcionar, por meio da vivência do seu sentir, do seu pensar, do seu fazer, do seu falar.

A grande arte da terapia infantil consiste em o terapeuta conseguir olhar a criança e o mundo a sua volta como ela mesma se vê e vê o mundo.

A criança é naturalmente gestáltica, é o melhor caminho para que o terapeuta desempenhe seu trabalho. Sintonia é o grande caminho para o sucesso da terapia infantil.

Sheila Antony teve o duplo mérito de, por um lado, ter escolhido pessoas que sentem, pensam, agem e falam da criança como crianças e, por outro, ter conduzido os temas de tal modo que *A clínica gestáltica com crianças* tornou-se uma Gestalt viva, simplesmente à espera de ser colocada em prática.

Textos como os aqui recolhidos honram nossa comunidade gestáltica, porque produzem conhecimento, abrem caminhos e congregam pesquisadores na difícil tarefa de dar sentido ao agir psicoterapêutico de maneira epistemológica e fenomenologicamente adequada.

APRESENTAÇÃO

SHEILA ANTONY

A inspiração para organizar esta obra veio como um sopro divino, como um momento de *insight*, quando eu participava de uma jornada sobre psicoterapias existencialistas-humanistas, na cidade de Marília, para falar sobre a criança com transtorno de ansiedade. De repente, dei-me conta das pessoas convidadas para o encontro como palestrantes. Lá estavam presentes mestras que considero as mães da Gestalt-terapia no atendimento a crianças e adolescentes no Brasil: Myrian Bove Fernandes e Rosana Zanella. Com elas estava Claudia Ranaldi, que eu já havia encontrado em outras jornadas e congressos sobre Gestalt-terapia. Pensei no evento centrado na área do atendimento infantojuvenil e na grande lacuna que a produção científica sobre crianças e adolescentes representa na Gestalt-terapia do Brasil. Associei com o fato de eu estar escrevendo um livro sobre a clínica gestáltica infantil (que vai demorar um pouco para ser concluído) e me indaguei: “Por que não organizar um livro com essas pessoas experientes e que terá uma elaboração mais rápida? Vamos encarar esse desafio?” Lá mesmo iniciei uma conversa com essas pessoas, que toparam a ideia logo no princípio. Quando retornei, uma amiga sugeriu a participação de Sergio Lizias, que estava terminando seu doutorado sobre o tema da infância na perspectiva da Gestalt-terapia.

Além dessas pessoas de renome nacional, convidei Miriam Philippi, amiga do coração que me acompanha desde os tempos do curso de graduação em Psicologia na Univer-

cidade de Brasília – UnB, do curso de formação em Gestalt-terapia com Jorge Ponciano Ribeiro, e que ainda trabalhou comigo como docente e membro-fundadora do Instituto de Gestalt-Terapia de Brasília (IGTB). Por fim, Mônica Brito, ex-aluna do IGTB, que está comigo em supervisão há alguns anos e vem realizando um trabalho psicológico maravilhoso com crianças em situação de abrigo.

Assim aconteceu esta obra, a qual carinhosamente eu chamava de “nosso livro” ao longo dos meses em que conversei e troquei ideias com meus convidados. Trata da nossa experiência com crianças naquela área em que a consciência está mais presente e o conhecimento mais evidente. Eu, particularmente, quis apresentar o caminho terapêutico que sigo no atendimento à criança (e que também serve para adolescentes). Eu o construí em 2006, após um treinamento intensivo com Violet Oaklander, que com sabedoria, delicadeza e vitalidade me ensinou o uso das técnicas expressivas e projetivas como uma arte do terapeuta. Foi tão valioso para mim esse período de treinamento que criei o curso “Gestalt-terapia com crianças: a teoria e a arte do gestalt-terapeuta”, que ministro anualmente no IGTB.

Os outros autores abordaram tópicos importantes referentes a uma problemática específica da criança em seu campo existencial: as reflexões éticas que um psicoterapeuta que trata dessa faixa etária deve ter em sua prática clínica, a apresentação dos elementos epistemológicos que fundamentam a Gestalt-terapia na clínica infantil e a importância do atendimento à família da criança em certos momentos do processo terapêutico. Trabalhar à luz da Gestalt-terapia coloca o terapeuta diante da totalidade da criança e do campo total, que envolve os seus diversos ambientes relacionais e as pessoas que lhe são significativas, de modo que constitui uma das práticas clínicas mais complexas. Como gestaltista, entendo

que tratar a criança é prioritariamente *estar* com ela. Essa atitude requer participação ativa, interação criativa e abertura para o contato, a fim de estabelecer uma relação de confiança, segurança e respeito pelo ser diante de nós, independentemente de sua idade e do seu nível de consciência. Estar com crianças, portanto, exige teoria, técnica e arte para compreender a criança em sofrimento, desvendar o seu mundo imaginário e assim reconduzi-la rumo ao crescimento.

O caminho terapêutico que percorro com a criança é fruto da minha jornada de aprofundamento profissional e amadurecimento pessoal. Complemento o pensamento de Boaventura Santos (1999), que nos diz que “todo conhecimento é autoconhecimento”, com o princípio de totalidade da Gestalt, que postula: “A identidade do todo emerge das relações de significado que ocorrem entre as partes”. É como um todo que me desvelo, me organizo; torno-me inteira na medida em que experimento coisas novas, conheço diferentes pessoas e assim descubro diversas possibilidades de ser e estar aí, bem como de criar trajetórias e projetos de vida inovadores que nutram a minha alma.



DA INTENÇÃO À AÇÃO: GESTALT-TERAPIA, ÉTICA E PRÁTICA PROFISSIONAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

MIRIAM MAY PHILIPPI

Todo ato ético [...] é na realidade um ato de religação,
com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade e,
em última instância, inserção na religação cósmica.

(Morin, 2005, p.36)

A proposta deste texto é identificar, com base na perspectiva da Gestalt-terapia, algumas questões éticas relacionadas com a prática profissional do psicólogo. Aqui não se tem a pretensão de levantar todos os conflitos éticos vivenciados na prática profissional, visto que o psicólogo hoje ocupa um espaço que há alguns anos era impensável. A ideia é problematizar mais do que oferecer respostas. Para isso, oferecemos exemplos, não apenas para expressar certa indignação com determinadas posturas profissionais, mas também para propor uma ética da complexidade, que se opõe a um pensamento mutilado e mutilador que pode conduzir a ações desastrosas (Morin, 2005). A discussão de aspectos éticos pode gerar incertezas que não devem ser postas de lado; antes, precisam estimular novas ações.

Muitas são as perspectivas teóricas da psicologia. Agora, porém, encontramos-nos na dimensão da ética, do cuidado com o outro. Não faz sentido uma psicologia que ofereça o que alguns têm chamado de *self-service* normativo, do qual nos servimos de valores para justificar as mais diferentes posições que queiramos provar. Nesse

sentido, a Gestalt-terapia tem muito a oferecer ao debate da prática profissional.

Provavelmente, os profissionais que trabalham com crianças e adolescentes são os mais bem-intencionados no cuidado dessas pessoas consideradas mais vulneráveis. Porém, como preconiza o dito popular, “de boas intenções, o inferno está cheio”. E, como bem coloca Morin (2005), é no ato que a intenção pode fracassar. Assim, as questões que envolvem essa parte da população nos colocam diante de vários dilemas; tanto que mereceram a formalização do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei n. 8.069, de 13/7/1990). Do ECA, destacamos:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Podemos perceber no artigo a vasta amplitude dos direitos da criança e do adolescente. Tais direitos, porém, foram dos últimos a ser discutidos na história da humanidade, até porque as representações que temos da infância e da adolescência são construções relativamente novas. Nos quadros da Renascença, por exemplo, podemos ver bebês e crianças vestidos como adultos, pois na época pouco se falava em infância e menos ainda em adolescência. A mortalidade infantil então era alta e a expectativa de vida, baixa. As pessoas começavam a trabalhar muito cedo.

Observa-se que, ao longo da história, o que conhecemos hoje como direitos humanos passou por diversas transformações, e sua escala de valores variou conforme a época.